

## Nas fissuras da contemporaneidade: a contranarrativa da nação em *Iararana* e *Viva o povo brasileiro*

Edeildes Sena Nunes<sup>1</sup>  
Gisane Souza Santana<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar a construção da nação na contemporaneidade a partir dos discursos performático e pedagógico no *corpus* literário *Viva o povo brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro - narrativa épica da literatura moderna brasileira, que abrange mais de três séculos de história do Brasil, recontada na perspectiva dos excluídos: escravos e as camadas populares - e *Iararana*, de Sosígenes Costa - alegoria que narra a formação étnico-cultural do Sul da Bahia, partindo de elementos formadores da identidade nacional, ou seja, elementos que remetem ao hibridismo cultural da nação brasileira: o branco Tupã-Cavalo, Iara e o índio. O questionamento que norteará o trabalho busca explicar a narrativa dos mitos fundadores no tempo historicista do discurso pedagógico e as fissuras provocadas no discurso historicista pela contranarrativa do performático. A análise será feita com base na Teoria dos Estudos Culturais, sobretudo, nos conceitos dos teóricos:

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: edeildesena@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Especialização em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais - ICER/UESC/ CNPq. E-mail: gisa\_santana@yahoo.com.br.

Homi K. Bhabha (1998) - *tempo disjuntivo, povo, discursos pedagógico e performático* – e Nestor Canclini (2000) – *hibridismo cultural*, que serão trabalhados, concomitantemente, com sua aplicabilidade no *corpus* literário. Nas obras elencadas, a escrita da nação, possivelmente, está pautada no tempo disjuntivo, contemplando os discursos ambivalentes e plurais, bem como o conceito de povo que emerge de tais discursos, instaurando, a partir do tempo performático, uma nova escrita da nação na pós-modernidade.

**Palavras-chave:** Discursos; Nação; Pedagógico; Performático; Tempo disjuntivo.

### **In the fictions of the contemporaneidade: the against-narrative of the nation in alive *iararana and viva o povo brasileiro***

**Abstract:** The present work intends to analyze the construction of the nation in the current from the performatic and pedagogical speeches in the literary *corpus Viva o Povo Brasileiro* of João Ubaldo Ribeiro - epic narrative of the Brazilian modern Literature, that more than encloses three centuries of history of Brazil, recounted in the perspective of the excluded ones: slaves and the public layers - and *Iararana* de Sosígenes Costa - alegoria that he tells the ethnic-cultural formation of the South of the Bahia, leaving of elements formadores of the national identity, that is, elements that they send to the cultural hibridez of the Brazilian nation: the white Tupã-Cavalo, Iara and the indian . The questioning that will guide the work searches to explain the narrative of founding myths

in the historic time of the pedagogical speech and the fictions provoked in the historic speech for the against-narrative of the performatico. The analysis will be made on the basis of the Theory of the Cultural Studies, over all, in the concepts of the theoreticians: Homi K. Bhabha (1998) - disjunctive time, pedagogical and performatico, speeches - and Nestor Canclini (2000) – cultural hibridismo, that will be worked, concomitantly, to its applicability in the literary *corpus*. In the choosen workmanships, the writing of the nation, possibly, is based in the disjunctive time, contemplating the ambivalent and plural speeches, as well as the people concept who emerges of such speeches, restoring, from the performatico time, a new writing of the nation in after-modernity.

**Keywords:** Speeches; Nation; Pedagogical; Performatico; Disjunctive Time.

Quero descobrir e revelar a face obscura,  
aquela que foi varrida dos compêndios de  
História.  
Jorge Amado

## Considerações iniciais

O presente trabalho pretende analisar a construção da nação na contemporaneidade a partir dos discursos performático e pedagógico no corpus literário *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, e *Irarana*, de Sosígenes Costa. Pressupõe-se que, nas obras elencadas, a escrita da nação seja pautada no tempo disjuntivo, contemplando

os discursos pedagógico e performático, instaurando uma nova escrita da nação na pós-modernidade.

A análise será feita com base na Teoria dos Estudos Culturais, sobretudo, nos conceitos de Homi K. Bhabha (1998) - *tempo disjuntivo, povo, discursos pedagógico e performático* -, que serão trabalhados, concomitantemente, com sua aplicabilidade no *corpus* literário.

Primeiramente será estabelecida uma relação entre a figura mitológica do deus Kronus e os tempos que esse deus mítico representa, com os conceitos de tempo historicista e disjuntivo de Bhabha. Em seguida, serão expostos os conceitos de discurso pedagógico e performático, que emergem, respectivamente, dos tempos citados, bem como os conceitos de povo pertencentes a cada um deles. As obras literárias servirão como base para elucidar o referencial teórico escolhido.

## **Kronus e o tempo duplo e cindido na escrita da nação moderna ocidental**

Na mitologia grega, o deus Kronus utiliza uma dupla simbologia para expressar o domínio sobre a passagem do tempo. A primeira remete a uma temporalidade linear, horizontal, simbolizada pela ampulheta que carrega em uma das mãos. O senhor do tempo também é representado portando uma serpente em forma de círculo aberto, simbologia que remete a uma temporalidade aberta, infinita e, por isso, distinta daquela proposta linear e cronologicamente determinada.

Ambas as imagens – a ampulheta e a serpente - remetem a temporalidades distintas. A imagem da ampulheta simbolizaria um tempo horizontal, linear, cronologicamente marcado, um tipo de historicidade fixa e determinada. A passagem do tempo, representada pela areia que cai, remete ao evento que essa temporalidade controla como algo com princípio e fim, previamente estabelecidos. A serpente, cujo corpo representa um círculo aberto, no qual cabeça e cauda jamais se encontram, propõe uma outra forma de olhar sobre a temporalidade. O círculo aberto, cabeça e cauda sem princípio ou fim, marcam um processo temporal no qual acontecimentos não podem ser congelados em sua fixidez. Os acontecimentos fluem num processo temporal cuja mobilidade não permite que sejam fixados numa sucessão cronologicamente datada, em princípio e fim para os eventos.

A teoria dos Estudos Culturais, particularmente o teórico indiano Homi K. Bhabha, propõe a re-escrita da história da moderna nação ocidental, considerando questões acerca da temporalidade da escrita. À semelhança daquela passagem do tempo, representada pela ampulheta na mão do deus grego, a escrita da nação baseou-se num tipo de temporalidade historicista, horizontal, um conceito de tempo no qual acontecimentos são apresentados em sua historicidade fixa. O evento, com princípio e fim determinados, converte-se numa sucessão de ações presas a uma historicidade linear: “a equivalência linear entre evento e idéia, que o historicismo propõe, geralmente dá significado a um povo, uma nação ou uma cultura nacional, enquanto

categoria sociológica empírica ou entidade cultural holística” (BHABHA, 1998, p. 200).

Nesse conceito de temporalidade, estaria contemplado como evento histórico apenas aquele acontecimento que correspondesse à ideia previamente fixada. A nação, na narrativa temporal do historicismo, se converte num único olhar sobre o acontecimento, como sendo capaz de representá-lo em sua amplitude. A escrita da nação, nessa temporalidade *homogênea e vazia*, relega os eventos não contemplados pela ideia às bordas e margens da escrita da nação.

Escrever a nação a partir de suas margens e bordas exige outro tipo de temporalidade, distinto daquela linearidade proposta pela visão historicista e pelo holismo cultural. Essa escrita da nação, a partir das margens, propõe que se considerem temporalidades diversas e múltiplas, levando em conta as escritas que foram silenciadas pelo conceito *de comunidades imaginadas*. Uma temporalidade na qual as diversas manifestações culturais sejam consideradas, um tempo sem início nem fim, a exemplo da emblemática serpente na mão do deus Kronus, cujo movimento circular permite uma visão em totalidade do corpo representando “espaço sem lugares, tempo sem duração” (ALTHUSSER *apud* BHABHA, 1998, p. 202).

Na temporalidade disjuntiva da pós-modernidade, como proposta por Bhabha, a escrita da nação requer um tipo de duplicidade ambivalente, que contemple os eventos e as narrativas que ficaram à margem da escrita monológica do historicismo e de seu tempo homogêneo e vazio; um tempo ambivalente que move a escrita da nação para outro

lugar, no qual fragmentos e retalhos de significação cultural são incorporados à narrativa da nação.

### **Fragmento 1**

Felizmente, ao despontar os briguetes bordejando a enseada, somente os alferes permaneceram no posto que designaram para si próprio, pois os outros, do boticário aos oradores, dos milicianos ao cura, dos marinheiros aos mariscadores, bateram em retirada para os lados de Amoreiras, assim impedindo, com sua ação astuta, pronta e corajosa, [grifo nosso], que os quadros da revolução sofressem baixas de conseqüências inestimáveis (RIBEIRO, 1984, p. 14).

### **Fragmento 2**

Menino, este bicho veio da Oropa

.....

Veio da Oropa o danado descobrir este rio [...]

Veio nadando e chegou neste rio (p. 437).

.....

Ele fez guerra com espingarda aos cabocos do mato

E venceu os cabocos e escorraçou o Pai-do-mato

E ficou no lugar dele e se chamou dono da gente

Mas o caboco com ódio o chamou Tupã-Cavalo

Só mesmo na Oropa pode nascer um bicho assim (p. 438).

E os índios foram obrigados a servir Tupã-Cavalo (p. 441).

A escrita ambivalente da nação – o pedagógico e o

performativo -, constrói outra temporalidade narrativa – a *temporalidade disjuntiva* -, baseada na *cisão* entre a temporalidade continuísta e cumulativa do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente do performativo. Essa escrita dupla da nação permite que sejam contemplados outros aspectos de um determinado evento histórico – a construção do herói nacional (fragmento1) e o heroísmo do colonizador (fragmento 2) vistos a contrapelo e de forma irônica, desmistificam o discurso monológico da nação. É nesse processo de *cisão*, que a escrita ambivalente torna-se o lugar de escrever a nação.

O tempo disjuntivo, ao revelar outras vozes narrativas, questiona o conceito de nação homogênea traduzido na metáfora do *muitos como um*, que universaliza as experiências e move-se para outro topos no qual as experiências individuais são valorizadas como integrantes de uma coletividade.

## **A ambivalência da nação**

A palavra nação deriva do verbo latino *nascor* que significa nascer. A invenção histórica da nação, enquanto Estado político, deslocou o termo *povo*, utilizado para se referir às pessoas que nasceram num mesmo lugar. Para Homi K. Bhabha, o conceito de povo

não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva.



Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem de ser pensado num tempo-duplo; o povo consiste em “objetos” históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na origem histórica constituída no passado; o povo consiste também em “sujeitos” de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do presente através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo (1998, p. 206).

Nessa visão, o povo, como um conceito de massa homogênea, aparece enquanto estratégia retórica de persuasão, que tem como fim a construção pedagógica de uma coesão social – *muitos como um*;

Seguramente não é essa massa rude, de iletrados, enfermiços, encarquilhados, impaludados, mestiços e negros. A isso não se pode chamar um povo, não era isso o que mostraríamos a um estrangeiro como exemplo do nosso povo. O povo é um de nós, ou seja, como os próprios europeus. As classes trabalhadoras não podem passar disso, não serão jamais povo. Povo é raça, é cultura, é civilização, é afirmação, é nacionalidade, não é o rebotallo dessa mesma nacionalidade (RIBEIRO, 1984, p. 245).

Contraditoriamente, o povo, no discurso performático, é representado enquanto sujeito

da nação, aquele que a constitui e que está inserido no processo de constante atualização de uma vontade de convivência.

Era cavalo da Oropa com feição de mondrongo. Veio da oropa o danado a descobrir este rio (COSTA, s.d., p. 33).

Tudo isso que aqui vês dando flor e dando fruto  
Fui eu que plantei com escravo nagô.

As almas dos índios é que me disseram Tintim o que esse passou (COSTA, s.d., p. 99).

A alma do mato

Contou essa história

Lá dentro da roça

no toco do pau (COSTA, s.d., p. 100).

Dessa maneira, o conceito de povo é uma peça fundamental de articulação dos discursos. Partindo da literatura produzida por colonizados e colonizadores, Bhabha discute a narração da nação através de discursos que considera híbridos e ambivalentes. Apresentando diferentes tradições de escrita, o autor enfoca seu estudo na cisão da narrativa historicista, representativa do povo, enquanto presença histórica a priori, linearmente contada, e a narrativa do tempo não linear que incita uma dialética entre diversos momentos históricos da cultura sempre no instante presente. Através dessa proposta de análise, Bhabha trabalha dois conceitos: discurso pedagógico e discurso performático.

Todo o esforço empregado em reunir a nação como uma uniformidade, costurando tecidos históricos tradicionais para expressar a acumulação do discurso progressista de um todo resulta no historicismo, no conceito de *pedagógico*, que, por sua vez, “funda sua autoridade narrativa em

uma tradição do povo [...] encapsulado numa sucessão de momentos históricos que representa uma eternidade produzida por autogeração” (Ibid., p. 209).

Esse conceito envolve o anonimato do coletivo em função do todo, tomando o geral como representativo de um território. As fronteiras espaciais funcionam enquanto agentes legitimadores da tradição de um tempo exterior.

### **Fragmento 1**

Ou tão doce palavra não passa de reminiscência avoenga que perdura em nossos corações, pois não foi feita a nossa raça, para aqui habitar, estando aqui apenas como num penhor de sacrifício à Cristandade e à civilização, como missionários, verdadeiros missionários, que somos? É preciso que a Cristandade e a civilização venham para aqui, somos os seus sustentáculos, a sua linha de frente, os seus soldados mais martirizados (RIBEIRO, 1984, p. 122).

### **Fragmento 2**

Veio da Oropa o danado descobrir este rio [...] Veio nadando e chegou neste rio (COSTA, s.d, p. 437).  
E Tupã-Cavalo brocou a mataria  
E onde havia bananeira do mato  
Plantou na sombra e na umidade umas sementes  
Que molhou com querosene para o grilo não comer  
E disseram: é carrapicho!  
E as sementes nasceram e se viu que era cacau (COSTA, s.d., 438).

O tempo de escrita da nação, no discurso pedagógico, é linear, ou seja, é um tempo homogêneo que não permite a transparência das fissuras do presente, das vozes minoritárias, transformando a comunidade numa representação horizontal do espaço. Na temporalidade pedagógica, o discurso unificador das vozes dominantes - fragmento 1 -, torna-se uma escrita narcísica na qual o todo da nação é representado metonimicamente pela parte que escreve a História oficial.

Nessas escritas narcísicas, o processo de construção da nação – fragmento 2 –, é derivado apenas do trabalho do europeu, branco, cujo processo ‘civilizatório’ é responsável pelo desenvolvimento da nação.

Por isso, o tempo pedagógico é marcado pela ideia de coesão social no presente - *muitos como um*. Tal temporalidade define os critérios políticos da memória, que unifica, através do discurso identitário, as diferenças da sociedade.

Se o discurso do nacionalismo articula um tipo de narrativa que privilegia a coesão social, Bhabha, ao contrário, procura pensar a nação a partir de suas margens - os conflitos sociais e as vivências das minorias. Assim, o referido autor pensa a nação a partir de suas descontinuidades; trata-se de uma recusa da narrativa monolítica da nação.

O segundo conceito trabalhado por Bhabha - o *performático* - é característico das *contranarrativas*. Isto porque resulta da tessitura dos retalhos descartados pela narrativa *pedagógica*. Esses fragmentos tematizam o particular, uma visão que não oferece continuidade discursiva ao projeto nacional como um todo. São silenciados, porém permanecem presentes, aptos a desorganizar as estratégias ideológicas que atribuem à nação uma identidade essencialista:

É a partir dessa instabilidade de significação cultural que a cultura nacional vem a ser articulada como uma dialética de temporalidades diversas – moderna, colonial, pós-colonial, ‘nativa’ – [...] sempre contemporânea ao ato de recitação. É o ato presente que, a cada vez que ocorre, toma posição na temporalidade efêmera [...] (BHABHA, 2003, p. 215).

Esse diálogo temporal ocorre tanto em *Viva o povo brasileiro* quanto em *Irarana*, pois as obras reúnem fragmentos dos diversos momentos históricos referidos por Bhabha, sempre na ocasião presente.

Na *performance* da narrativa em *Viva o povo brasileiro* o personagem, cego Faustino, interrompe o discurso autogerador do tempo pedagógico, ao inserir na narrativa as fissuras de um presente histórico silenciado:

esse dia que se sabe que toda a história é falsa ou meio falsa e cada geração que chega resolve o que aconteceu antes dela e assim a História dos livros é tão inventada quanto a dos jornais, onde se lê cada peto de arrepiar os cabelos. Poucos livros devem ser confiados, assim como poucas pessoas, é a mesma coisa. Além disso, continuou o cego, a História feita por papéis deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel e só se bota no papel o que interessa. [...] Então toda História dos papéis é pelo interesse de alguém (RIBEIRO, 1984, p. 515).

A cisão provocada pela escrita ambivalente da nação questiona o historicismo, cuja premissa de uma suposta correspondência linear entre evento e ideia relegou às margens toda e qualquer História que não

estivesse contemplada no conceito de comunidade imaginada da nação.

Fato semelhante ocorre no poema *Iararana* ao apresentar a articulação dos retalhos (etnias, línguas, versões para os fatos etc.) que ainda não são inteiramente comportados pela narrativa tradicional. A voz de personagens étnicos regionais, através da fala dos mitos, intensifica o caráter contra-narrativo de tornar opacas as “fronteiras totalizadoras - tanto reais quanto conceituais” (BHABHA, 2003, p. 211), que passam a ser *imaginadas* com base na contemporaneidade. Quando Romãozinho canta o coco da taruíra, Sosígenes Costa exemplifica a voz de um personagem social brasileiro exibindo sua impressão sobre o colonizador, muitas vezes, diluída pelo discurso histórico tradicional.

A filhinha da mãe-d'água  
Vai ficar araquaba.  
tão branca que parece  
Lagartixa descascada  
Lagartixa taruíra  
Caquende papai-vovô (COSTA, s.d., p. 45) (grifo  
nosso).

Menina laranja com ar de raposa  
E de pata-choca danada de runhe.  
.....  
Iararana puxou ao cavalo-marinho,  
Não puxou à mãe-d'água que é aquela beleza da  
boca do Bu.  
Iararana cresceu e tocou a judiar (COSTA, s.d.,  
p. 60)

A apropriação, feita por Sosígenes, de um arcabouço de termos da língua tupi para descrever o colonizador pelo olhar do colonizado retoma o tempo de escrita das outras vozes do nacional, as minoritárias. Este é o aspecto contranarrativo de *Iararana*, o aspecto da heterogeneidade cultural.

### **Considerações finais**

A análise da teoria dos Estudos Culturais, aliada à das obras literárias, mostrou-se relevante porque permitiu contemplar uma outra temporalidade de escrita da história, baseada em suas fissuras, performances vividas na clandestinidade porque não representadas na temporalidade vazia do pedagógico. O tempo performático, ao deslocar o conceito de povo para os limites entre o discurso totalizador e as ações conflituosas no interior da nação, abala verdades eternas e autogeradoras de si mesmas e inscrevem, nesse tempo cindido, vozes silenciadas, culturas de margens e outras narrativas presentes no espaço da nação.

É possível afirmar que a temporalidade continuísta, a pedagógica, garante a homogeneidade, na medida em que faz alusão a um passado supostamente comum a todos. Já a temporalidade da performance permite que os subordinados intervenham no processo de significação e alterem as representações dominantes. Assim, a escrita da nação jamais conseguirá abolir a diferença, uma vez que as contranarrativas surgem no nível performático.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Trad. De Lólio L. de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BHABHA, Hommi K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

COSTA, Sosígenes. **Iararana**. São Paulo: Cultrix, s.d.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.